

*FIEP*  
*CIEP*  
*SESI*  
*SENAI*  
*IEL*  
*Departamento Econômico*

*SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO PARANÁ*

# ***SONDAGEM INDUSTRIAL***

*A visão de Líderes  
Industriais Paranaenses  
1995-1996*



**SEID**

*SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO E DO  
DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO PARANÁ*

## **PERSPECTIVAS PARA 1996**

*Nas próximas páginas tentar-se-á expor quais são as expectativas do empresariado paranaense para o ano de 1996. Espera-se conseguir traçar as intenções dos empresários para o próximo ano, podendo projetar a partir daí quais são as ações necessárias para o correto desenvolvimento econômico do Paraná, ou ainda, como corrigir uma trajetória de crescimento e como acelerá-la. Pretende-se construir algo como uma bússola pela qual os empresários, os órgãos governamentais, as associações de classe e outras instituições possam se orientar.*

*Projetar o futuro na economia é uma tarefa tão ingrata como em qualquer outra área. Porém, conhecendo as expectativas dos "agentes econômicos", i.e., das pessoas que decidem sobre o investimento, o emprego, a renda, os preços, pode-se traçar fronteiras, limites, por onde passaremos.*

*Nesta publicação, quatro temas chaves são abordados: 1- os investimentos, com uma avaliação sobre o que o empresariado espera para o ano de 1996. 2- uma avaliação comparativa do Paraná. 3- como superar as dificuldades que bloqueiam a obtenção da competitividade. 4- como a empresa paranaense se situa perante o Mercosul, analisando suas intenções. Cada um destes temas será discutido a partir de respostas de algumas perguntas realizadas pela pesquisa "Sondagem e Perspectivas da Indústria Paranaense 95-96".*

*Esta publicação foi realizada paralelamente à publicação "Sondagem Industrial Industrial 95", que aconselha-se serem lidas conjuntamente. A leitura em conjunto possibilitará ter uma idéia geral das opiniões e da mentalidade do empresariado vigentes.*

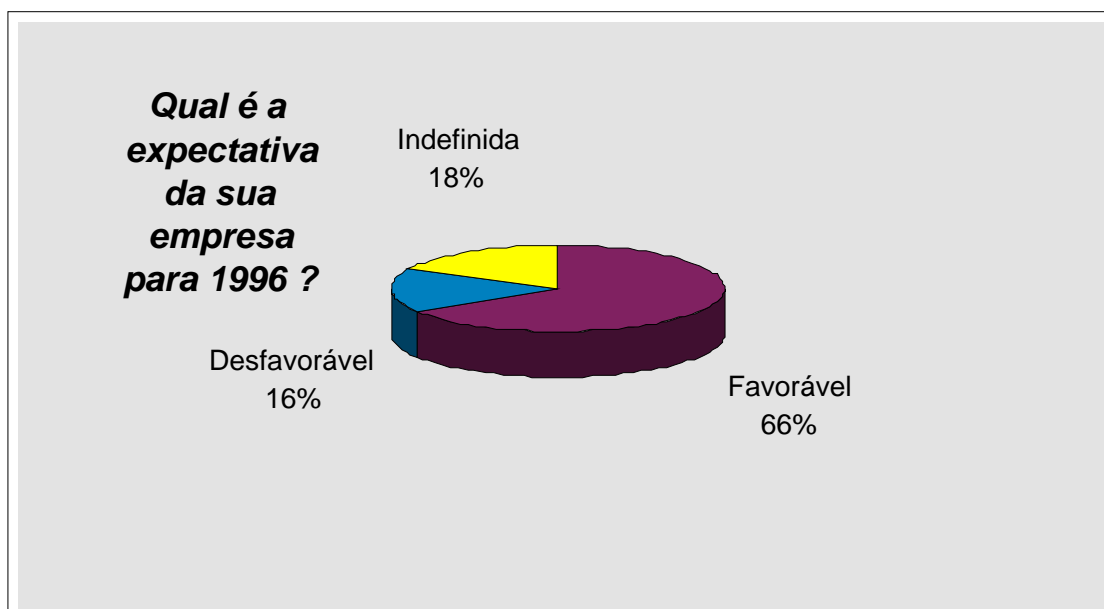
*Nas últimas páginas desta publicação segue uma análise mais aprofundada e sintética das perspectivas para 96, integrando as informações obtidas pela pesquisa, interpretadas num só processo.*

## **OTIMISMO PARA 1996.**

*A batalha entre otimistas e pessimistas é histórica. Entretanto, para o ano de 1996 os otimistas estão muito bem representados; quatro vezes mais que os pessimistas. As razões deste otimismo podem estar tanto na segurança da equipe econômica quanto na manutenção da estabilidade como na retomada do crescimento autosustentado, na queda gradual dos juros, ou na adaptação aos níveis de competitividade agora exigidos.*

*Setores como Papel e Celulose, em razão das excelentes condições apresentadas no mercado internacional, estão entre os que mais possuem expectativas favoráveis. Outros, como o setor alimentício, é majoritariamente otimista, espírito originado no impacto distributivo do Plano Real.*

### **Empresários otimistas para 1996.**

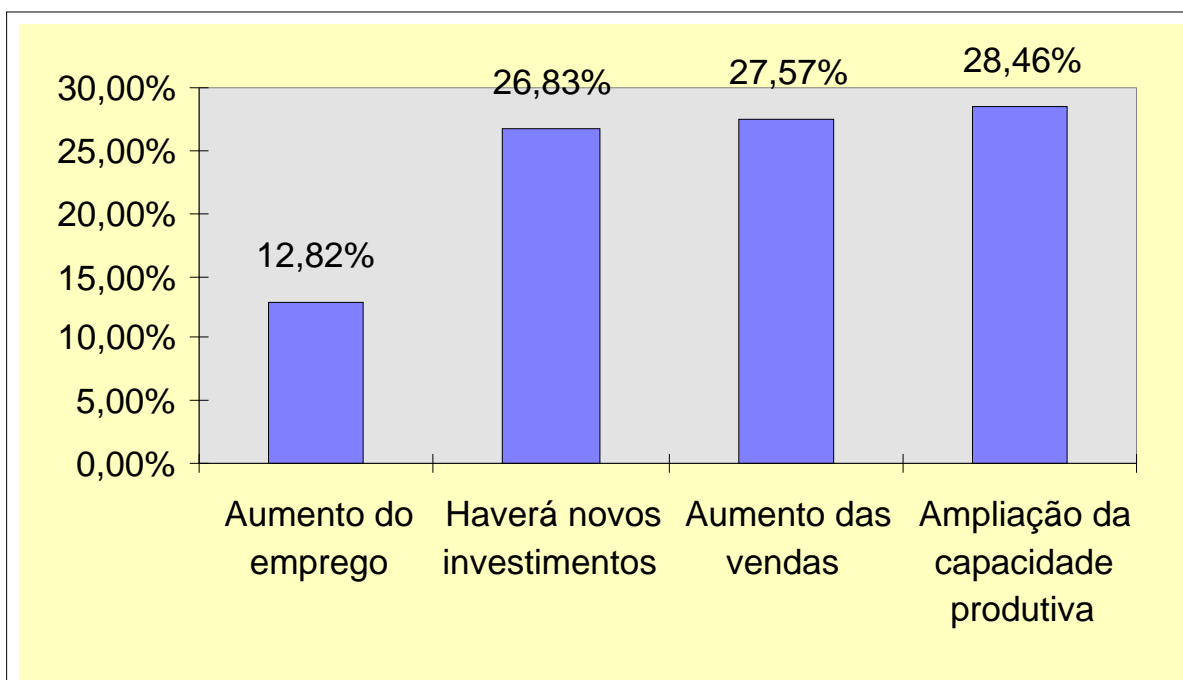


## ENTRE OS OTIMISTAS

*Aqueles que alimentam uma expectativa favorável para a empresa em 1996 indicam que, de forma equilibrada, ocorrerá um aumento das vendas e a empresa fará uma ampliação da capacidade produtiva realizando novos investimentos.*

*Apesar desta expectativa favorável em relação às vendas e também as decisões de novos investimentos, quanto ao nível de emprego os empresários demonstram-se mais céticos. Como podemos notar no gráfico, o item aumento do emprego corresponde a menos da metade dos outros itens. Tudo leva a crer na continuidade do processo de transformação estrutural da indústria, inserindo-se em novos padrões tecnológicos e em uma cultura da competitividade. Isto significa projeções pessimistas para a sociedade e reforça as hipóteses de que o desemprego atual não é passageiro.*

Expectativas favoráveis para as vendas e para o investimento. Ceticismo quanto aos empregos.

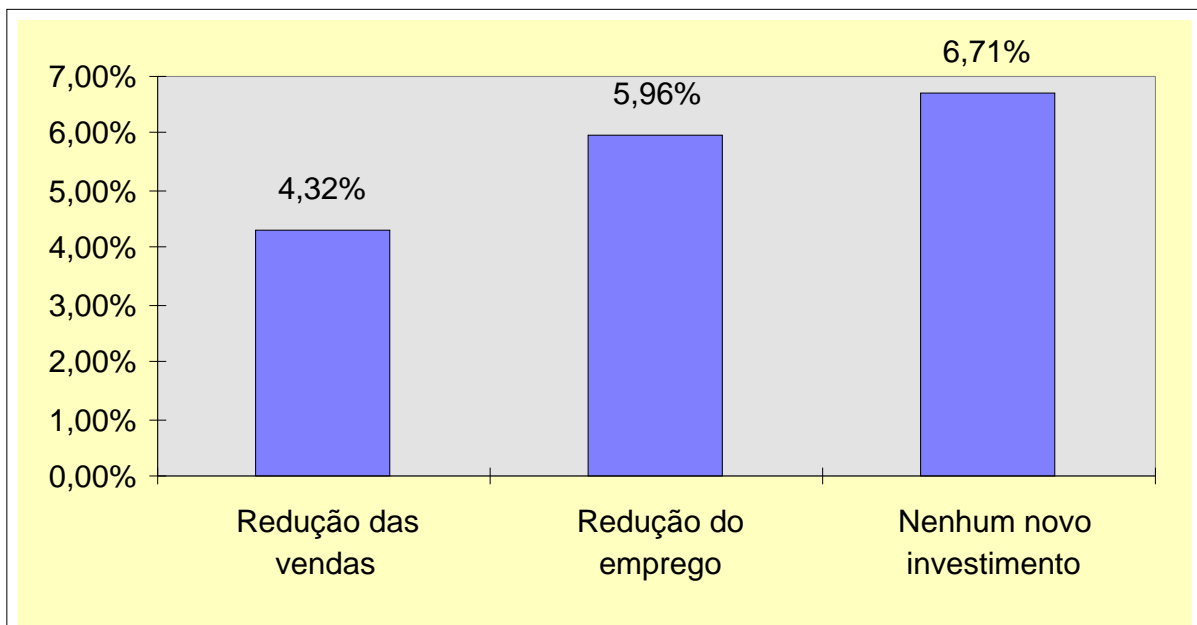


## ENTRE OS PESSIMISTAS

Naqueles que apontaram uma expectativa desfavorável para o ano de 1996, tem-se respostas sem grandes surpresas. Indicam a ausência de novos investimentos, principalmente, e a redução das vendas e do emprego.

As respostas negativas vêm principalmente de setores prejudicados com a conjuntura dos últimos anos, ou por tendências estruturais da indústria. Setores como têxtil e vestuário apontam uma proporção maior de pessimistas: cerca de 4 em cada 10. O setor madeireiro apresenta também situação semelhante: 3 em cada 10 são pessimistas. Este pessimismo está diretamente relacionado com uma experiência negativa que muitos empresários tiveram nos tempos do Plano Real. Não coincidentemente foram estes setores que acusaram um impacto negativo do plano sobre sua empresa, contrariando outros setores, cuja maioria apreciou uma resposta positiva.

Alguns setores demonstram sua insatisfação com os rumos da economia.



## PARA ONDE VÃO OS INVESTIMENTOS ?

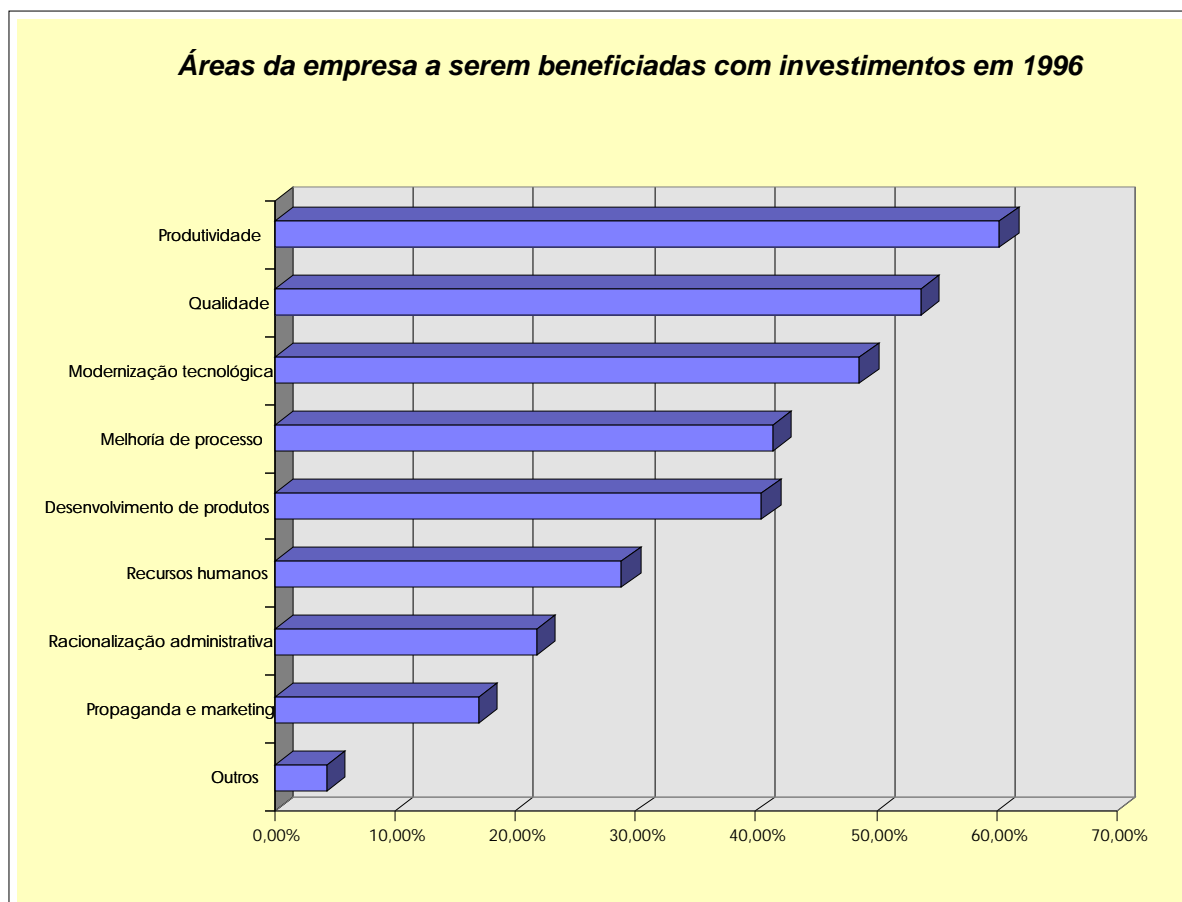
*Produtividade e qualidade lideraram as respostas e mostram a preocupação das empresas em se adaptar aos novos padrões de concorrência que se impõe globalmente.*

*A modernização tecnológica acompanha a mesma preocupação. Parece crescente a percepção de que a defasagem tecnológica, diante da concorrência de características transnacionais, é um elemento crucial para a sobrevivência e o crescimento da empresa, não podendo mais situar-se, e pensar, num espaço exclusivamente nacional, onde fora possível manter-se com tecnologia atrasada, e por vezes, obsoleta.*

*Itens também bastante indicados, como a melhoria de processo e o desenvolvimento de produtos são positivos. Traduzem uma nova mentalidade do empresariado, acolhendo mais facilmente a necessidade de serem empreendedores, de introduzirem inovações nos processos e nos produtos.*

*Entretanto parece haver ainda uma certa resistência quanto a investir em recursos humanos e em mudanças administrativas.*

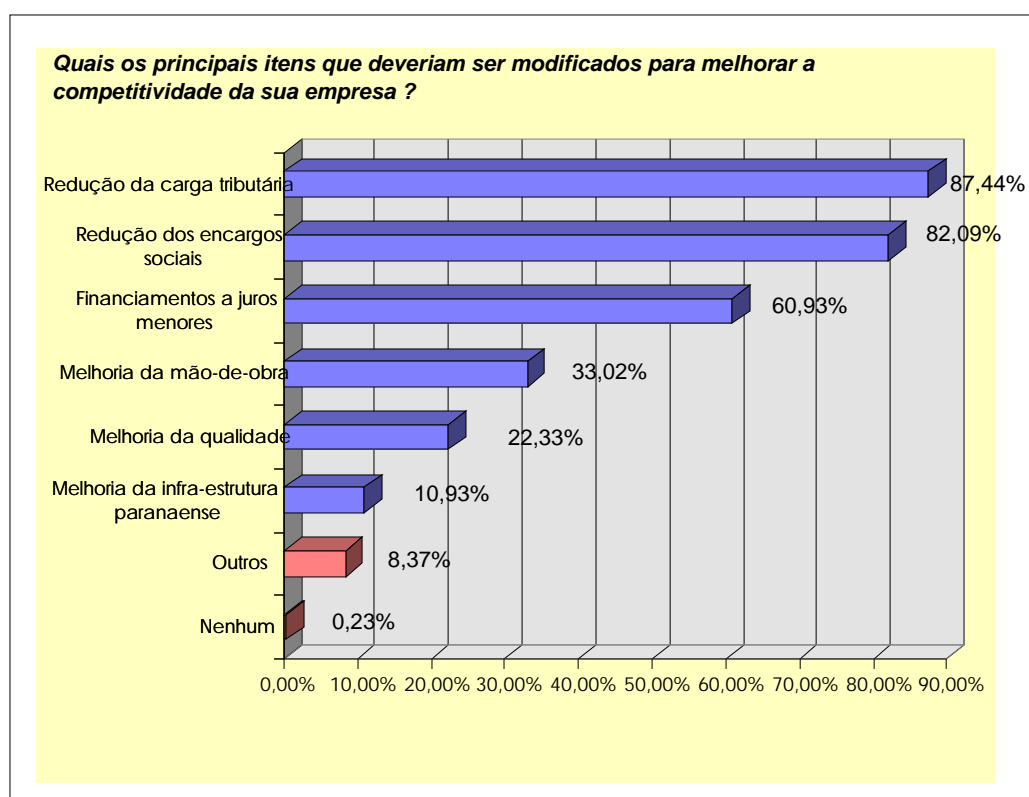
As empresas procuram se adaptar aos novos padrões de concorrência.



## COMPETITIVIDADE: COMO MELHORAR ?

Aqui as respostas coincidem com as reivindicações para que se reduza o chamado "Custo Brasil". A carga tributária, os encargos sociais e os juros afetam diretamente a competitividade da empresa; conseqüentemente atribui-se estas dificuldades à competência do governo federal. Fatores que seriam de responsabilidade da própria empresa, do governo estadual e das instituições de ensino foram citados em segundo plano, em proporção muito menor.

Cobrando do governo a redução do Custo Brasil.

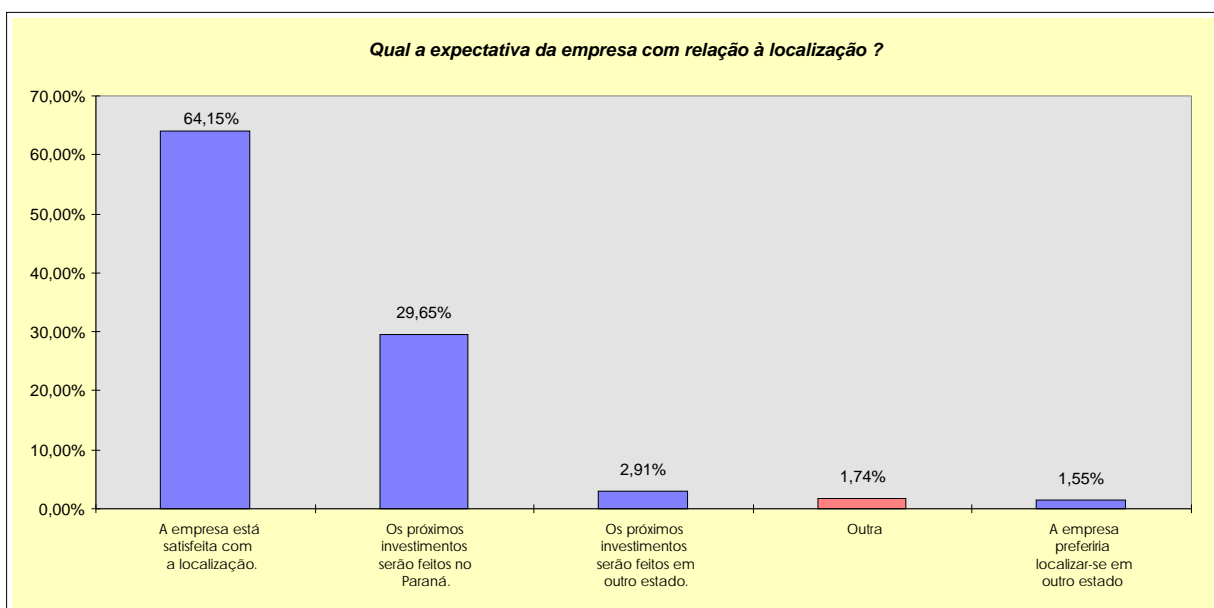


# AS EMPRESAS E O PARANÁ

*A grande maioria das empresas está satisfeita com sua localização, não demonstrando arrependimentos. Um diminuto número indicou que preferia estar localizada em outro estado.*

*Estas expressões a respeito de fatores locacionais são confirmadas quando os itens referem-se aos próximos investimentos. De cada nove empresas oito realizarão seus próximos investimentos no Paraná e apenas uma terá seus próximos investimentos em outro estado.*

## As empresas no Paraná: uma parceria bem sucedida.





# A INFRA-ESTRUTURA PARANAENSE

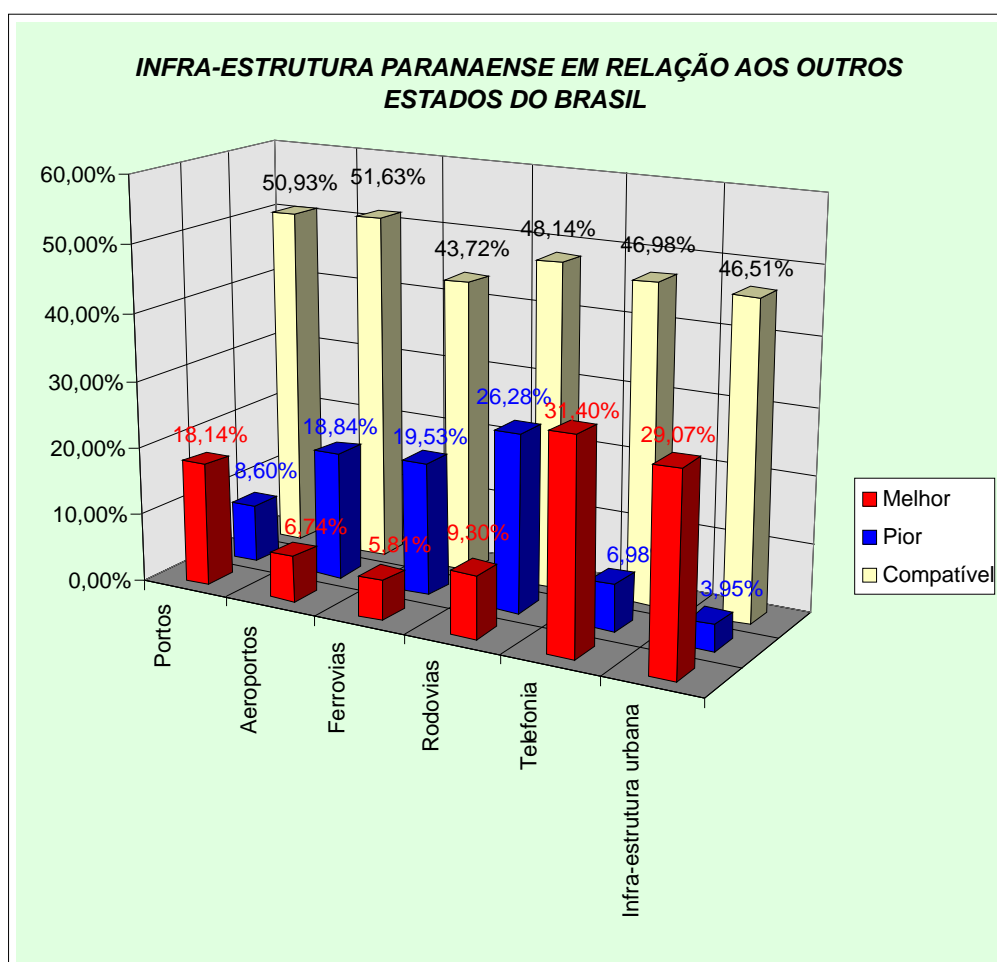
Estes gráficos revelam quais os fatores que levam o empresariado a preferir o Paraná ou estar satisfeito com o Estado.

Neste caso, a telefonia e a infra-estrutura urbana foram os principais fatores indicados. Em terceiro lugar o item portos apresenta também uma avaliação favorável.

Por outro lado, em itens como aeroportos e ferrovias, a proporção de respostas que indicaram uma infra-estrutura melhor se comparado a outros estados é mais reduzida se comparado àqueles que indicaram pior.

Em último lugar do ranking encontram-se as rodovias, detentoras da maior porcentagem de desaprovação comparativa entre os estados.

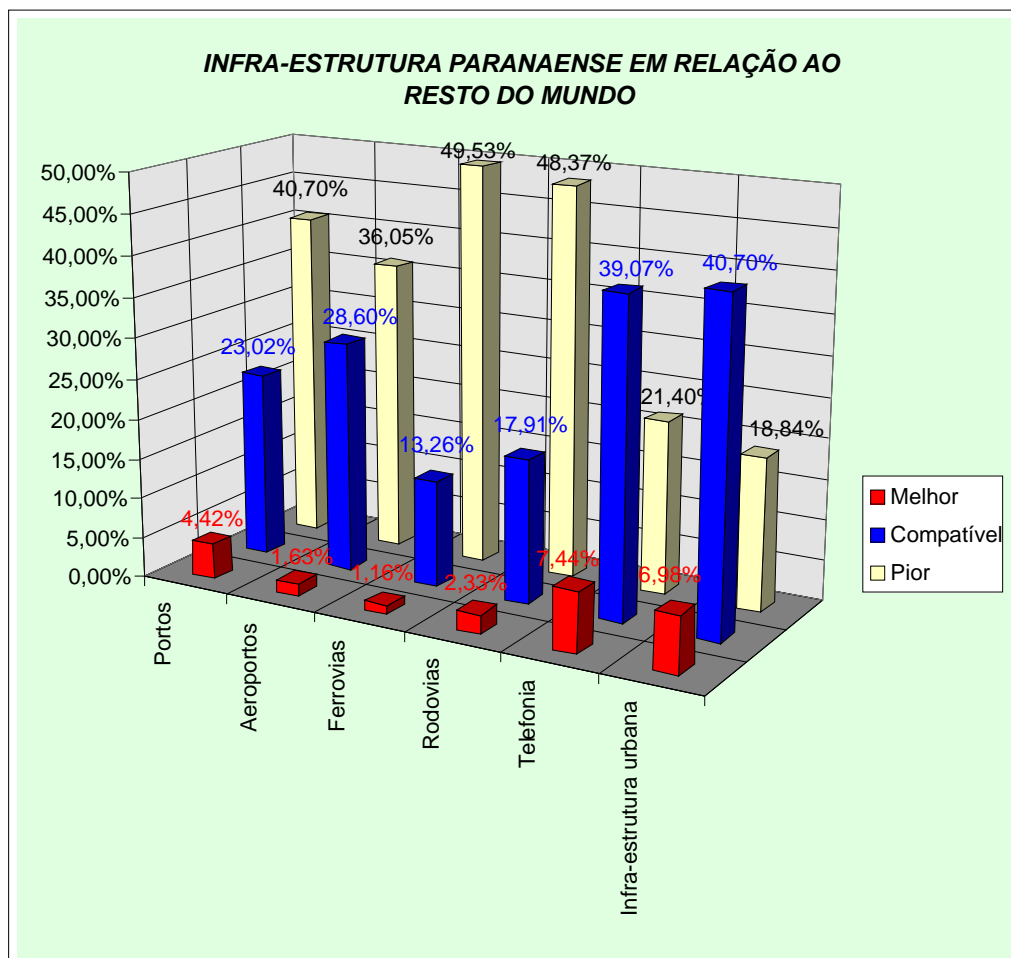
A infra-estrutura oferecida pelo Paraná é compatível com a oferecida por outros estados.



# INFRA-ESTRUTURA PARANAENSE X INTERNACIONAL

Como era de se esperar, diversos itens apresentaram resultados que indicam uma pior infra-estrutura. Rodovias e ferrovias apresentaram as maiores diferenças, qualificadas como piores pela maioria das respostas. Portos e aeroportos vêm em seguida, sendo a maioria das respostas também como pior se comparado a outros países. Por outro lado, no que se refere à telefonia e à infra-estrutura urbana, o resultado é em parte revertido e a maior parte das respostas indica em sua maioria uma compatibilidade com a infra-estrutura oferecida por outros países.

Contudo, comparando com outros países, a infra-estrutura paranaense fica para trás.



# AS VANTAGENS DO PARANÁ

Observa-se nas páginas anteriores que a maioria das empresas estavam satisfeitas com sua localização no Estado do Paraná. Agora podemos avaliar as razões deste contentamento.

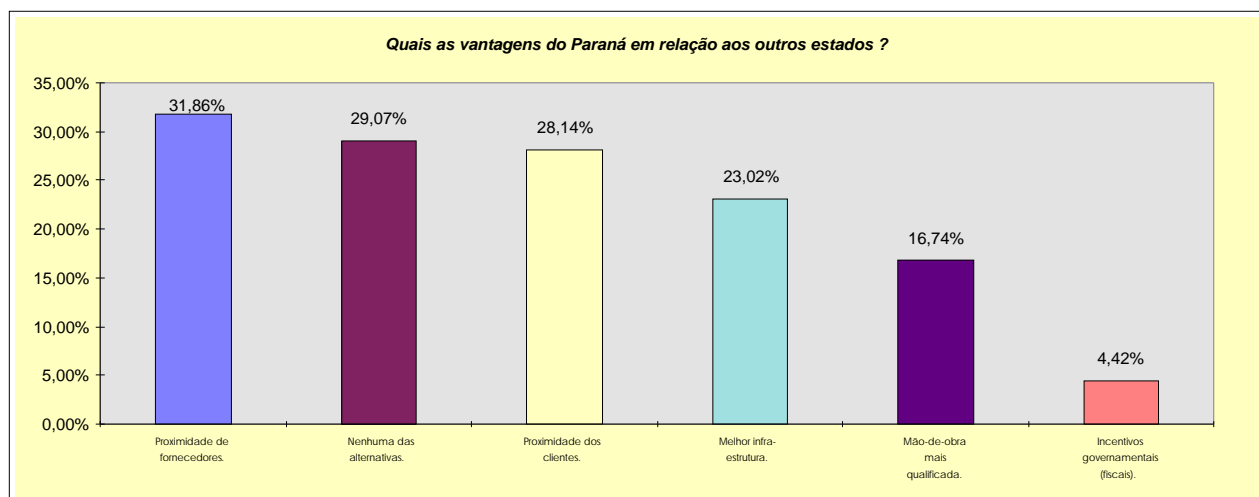
Liderando as respostas encontram-se fatores fortemente estratégicos: a proximidade dos fornecedores e a proximidade dos clientes.

Em segundo plano aparecem: melhor infra-estrutura, analisada em páginas anteriores; e mão-de-obra mais qualificada, de responsabilidade das instituições de ensino.

Em último lugar, com uma porcentagem muito reduzida, encontram-se os incentivos governamentais (fiscais), que diante as outras respostas, é pouco significativo.

Vale lembrar o alto índice de respostas que apontaram nenhuma das alternativas, explicado pela complexidade da análise de fatores locacionais realizada pelas empresas.

Ainda hoje, a proximidade dos clientes e dos fornecedores é uma estratégia crucial.



## AS DESVANTAGENS DO PARANÁ

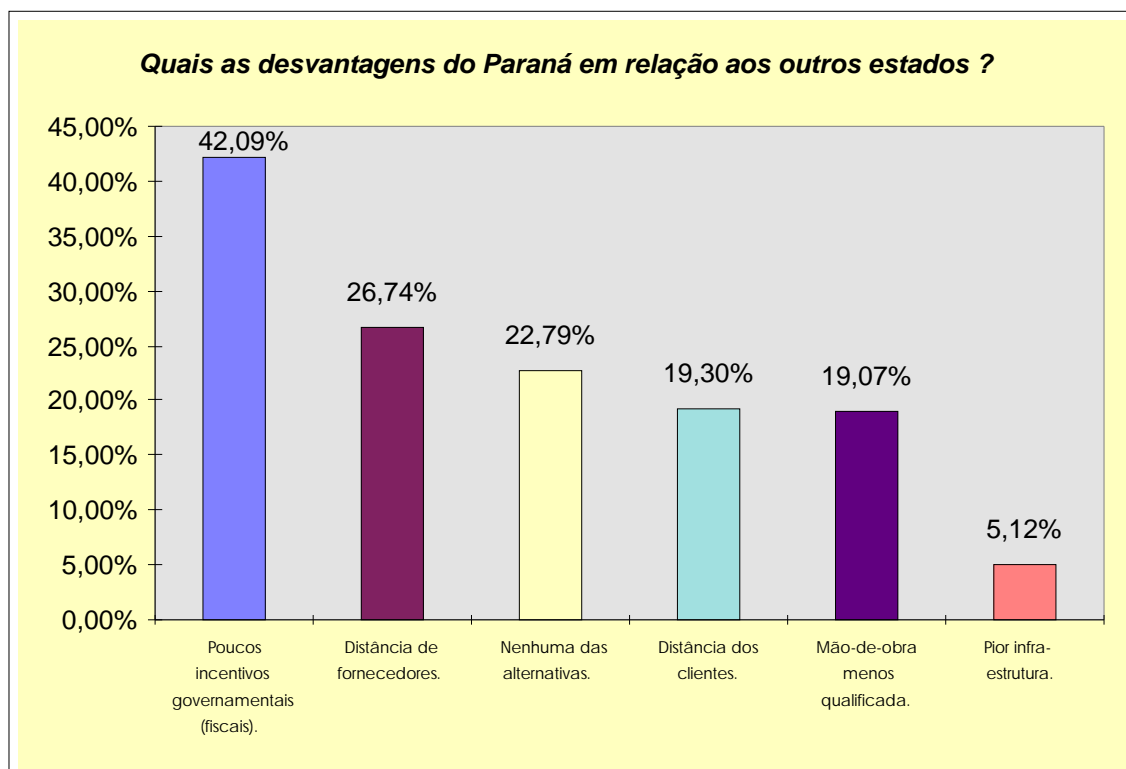
Nesta questão, um item foi fortemente apontado. Na visão do empresariado paranaense, entre as desvantagens do Paraná em relação a outros estados, os incentivos governamentais (fiscais) foram freqüentemente indicados, chegando a 31 % de indicações. Isto mostra um distanciamento entre as empresas e o governo estadual, já que, comparativamente, o Paraná oferece vantagens fiscais freqüentemente superiores às oferecidas por outros estados. O resultado mostra também problemas na divulgação dos programas estaduais de incentivo.

A distância de fornecedores e a distância dos clientes foram bastante apontadas, reiterando a importância concedida a estes fatores de natureza estratégica. Mão-de-obra menos qualificada também foi apontado por parte das respostas.

Confirmando a aprovação da infra-estrutura paranaense, poucas foram as respostas indicando uma pior infra-estrutura se comparada a outros estados, não chegando a 4%.

Da mesma forma que a questão anterior chamamos atenção para o item nenhuma das alternativas contemplado por 17% das respostas.

Os empresários apontam os incentivos fiscais como uma desvantagem do Paraná.



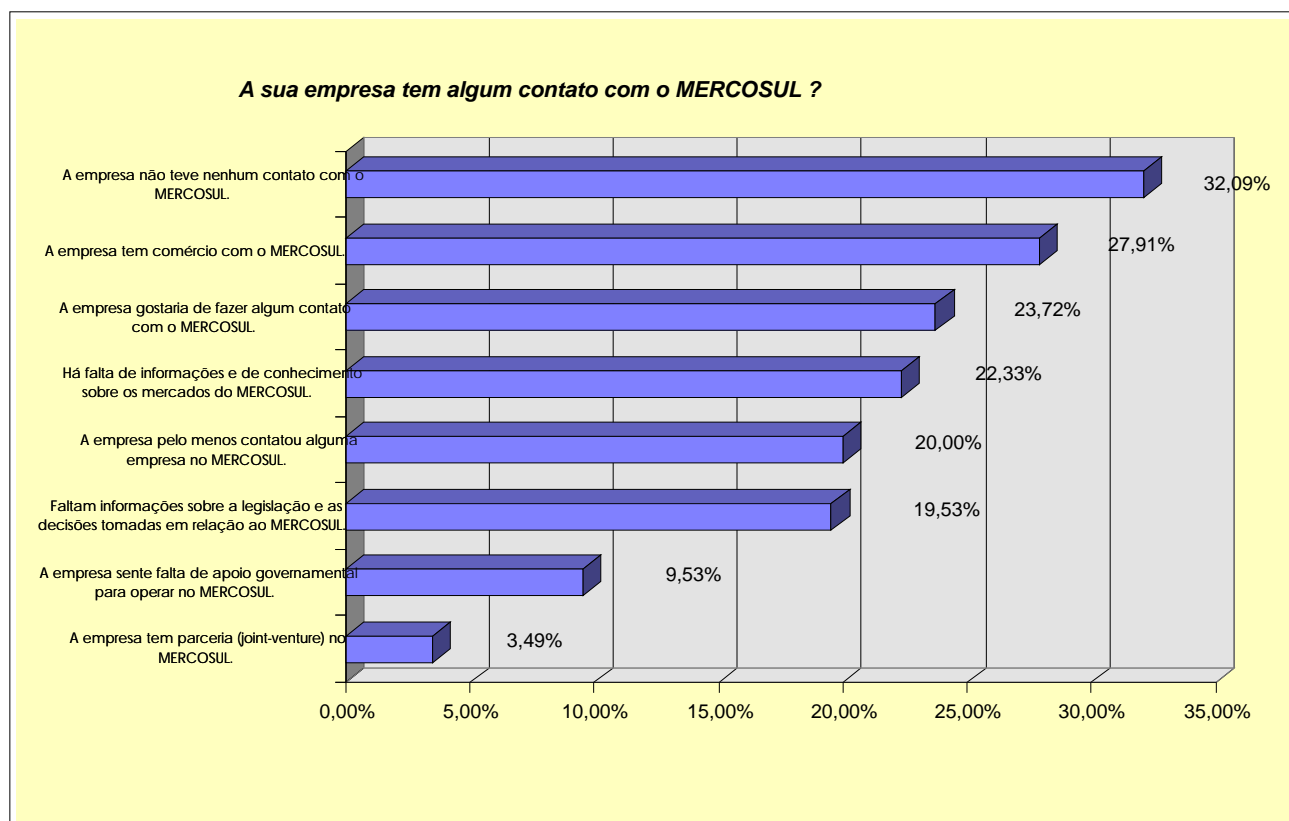
# A INSERÇÃO DAS EMPRESAS NO MERCOSUL

As respostas indicam posições diversas, porém convergentes, entre o empresariado. Parte deste já tem uma participação no MERCOSUL, seja através do comércio com os países integrantes, dos contatos com alguma empresa destes países, ou, em menor grau, através de parcerias.

Por outro lado, para inúmeras empresas o MERCOSUL ainda permanece no "campo" das intenções. Em geral, estas empresas não tiveram nenhum contato com o MERCOSUL, entretanto gostariam de efetivar tais esforços.

Não se pode deixar de comentar também sobre o alto índice de respostas acusando a falta de informações sobre o MERCOSUL, seja em sua estrutura industrial, em seus mercados, ou sobre a legislação e as decisões correntemente tomadas.

## O empresariado dividido. Já participando do Mercosul ou querendo participar.



## **OS CAMINHOS PARA 1996.**

*Pelas respostas obtidas, 4 em cada 5 empresários nutrem expectativas favoráveis para o ano de 1996. Isto está relacionado, sem dúvida, com a continuidade da estabilidade econômica. Estas respostas, apenas por elas, já são suficientes para se manter otimista para 1996 e assistir uma recuperação do nível de investimentos do país.*

*Apesar de muitas vozes de empresários afirmarem que é "hora de soltar as rédeas da economia", o otimismo para o ano de 1996 tem origem exatamente na confiança da continuidade da estabilidade econômica, onde, para os economistas do ministério, toda a cautela é fundamental. Desta forma, em 1996 dificilmente será abandonado o gradualismo na política econômica, ou mesmo, atenuado. Contudo, esta política econômica será conduzida com maior segurança, não mais tateando no escuro. De pouco a pouco vai se conhecendo os comportamentos da economia brasileira em estabilidade, ampliando a possibilidade de se antecipar, de se prever os efeitos das políticas aplicadas. Quanto mais o tempo passa, maiores e melhores são as informações para os gestores da economia, permitindo um controle mais preciso dos instrumentos, como juros e câmbio. Os juros continuarão sendo o principal instrumento de trabalho, e muito provavelmente, obedecerão uma trajetória declinante, declínio este tão vagaroso quanto for a precaução. Em relação ao câmbio, este provavelmente continuará valorizado, e em qualquer mudança necessária será acompanhado se salvaguardas para os investidores externos.*

*Às empresas cabe reformular suas estratégias, adaptando-as para um ambiente de estabilidade econômica com globalização em processo.*

*Ao Estado é reservada a possibilidade de apontar os melhores caminhos para um desenvolvimento autosustentado com equidade.*

# **TENDÊNCIAS QUE ESTAMOS PRESENCIANDO.**

*A década de 80 provocou mudanças profundas na sociedade brasileira. Dentre as mudanças ocorridas, uma das mais importantes seja a alteração nas relações entre o setor privado, as empresas, e o setor público.*

*Se avaliar quem ocupa a liderança no processo de desenvolvimento econômico nota-se que as relações empresa-governo se inverteram. Enquanto antes era o Estado que "puxava" os investimentos e reivindicava dos empresários maior participação, maior agilidade, agora são as empresas que decidem sobre a direção do desenvolvimento econômico e cobram do Estado, com maior intensidade, menos interferência e uma desocupação de suas áreas e de seus controles, deixando livre a iniciativa privada para liderar o processo de desenvolvimento.*

*Na pesquisa realizada, se observarmos atentamente o conjunto das respostas, podemos notar, sutilmente, os primeiros efeitos da estabilidade econômica sobre o modo de atuação das empresas e sobre a mentalidade do empresariado. Por exemplo, uma mudança citada por inúmeros empresários é a redução das margens de lucro, ou do mark-up, fato este responsável por fortes impactos sobre os administradores. Parte desta redução pode ser deduzida pela queda da inflação de preços. Outra parte vem da redução das imperfeições de mercado.*

*Geralmente, num ambiente de alta inflação, de desordem e de instabilidade, as imperfeições do mercado desaparecem. Em muitas vezes empresas com preços não competitivos eram bem sucedidas, já que as diferenças se dissipavam da desordem. Para estas empresas que das imperfeições do mercado, a estabilidade econômica foi um problema e não uma solução, e relutam em qualificar como crise os tempos atuais.*

*Com a estabilidade econômica, de pouco a pouco corrigem-se as imperfeições do mercado, tanta pela oferta como pela demanda. Pequenas diferenças se tornam significativas e substitutos potenciais tornam-se viáveis; e o mercado, progressivamente se redesenha, adquirindo uma nova face. Em cada setor industrial, as empresas se reposicionam e redefinem suas estratégias, descartam produtos e lançam inovações. A atividade econômica parece se rearticular.*

*Um depoimento dado por um empresário reflete bem esta situação confusa. Questionado sobre o impacto do plano Real em sua empresa responde que foi positivo e acrescenta: "Porém, nossa lucratividade está próxima de zero, quando não é negativa. Mas, para o Brasil, o plano foi ótimo." Outra empresária, a respeito do plano Real, comentou: "Me ensinou a trabalhar." Estes exemplos ilustram bem esta quase revolução na indústria e nos métodos administrativos.*

*Deve-se acrescentar que, com a estabilidade econômica volta à tona um horizonte de planejamento, incentivando os investimentos.*

*brasileira como um todo, não é isto que acontece. No entanto, um retrato geral agrupando os setores nos mostra um resultado bastante heterogêneo com situações diferenciadas entre setores e dentro dos*

*Com rigor, dificilmente poderia-se chamar de crise o momento em que vivemos atualmente. O conceito crise refere-se a um período, uma fase de mudança, em geral de melhor para pior, dando fim a trajetórias de crescimento ou prosperidade. Certamente, se analisa-se a indústria brasileira como um todo, não é isto que acontece. No entanto, um retrato geral agrupando os setores nos mostra um resultado bastante heterogêneo com situações diferenciadas entre setores e dentro dos setores. Processos diversos se sobrepõem ofuscando uma análise com maior grau de generalidade.*

*Parte dos setores passam de fato por uma crise caracterizada por um processo de transição causado pela abertura comercial. Nestes casos, o Plano Real, após valorizar o câmbio, teve sua contribuição para aprofundar com as dificuldades.*

*Outros setores, principalmente aqueles ofertantes de bens de consumo duráveis e de bens de produção assistiram uma diminuição das vendas ao longo de 95, porém, dificilmente atingiram patamares mais baixos que períodos anteriores a implantação do Plano Real. Além do mais, com a estabilidade econômica, a tendência é aumentar o volume das vendas destes setores, sem dúvida prejudicados por ambientes de desordem e incerteza.*

*Muitos daqueles que falam em crise utilizam em suas análises ainda um referencial imediatista, comparando a situação presente com o surto de crescimento não sustentável ocorrido logo após a implantação de plano.*

*Dentre muitos que caracterizam este período como crise estão aqueles que passam por dificuldades para se adaptar aos novos tempos e a se posicionar em seu setor, ou outros que, como já dissemos, sofrem com a diminuição das imperfeições de mercado, com as pressões da concorrência, ou com a industrialização de produtos de alto custo.*

*A pesquisa realizada mostra um pouco desta generalidade de opiniões. Entretanto vale lembrar que para dois terços do empresariado, conforme a pesquisa indicou, assinalaram um impacto positivo do Plano Real para sua empresa, e maioria dos empresários mantém expectativas favoráveis para o próximo ano, desconhecendo, na verdade, qualquer crise econômica. Setores como têxtil e vestuário, apesar de tudo, tem em 4 de cada 10 empresários indicando um impacto positivo do plano Real para a empresa, e 6 em cada 10 têm expectativas favoráveis para o ano de 1996. Outro setor freqüentemente apontado como em crise, o madeireiro, apresenta a mesma proporção de 4 em cada 10 empresários que acusam um impacto positivo do plano Real em sua empresa, e são ainda mais otimistas para o ano de 96: 7 em cada 10 mantém expectativas favoráveis. Só para compararmos, em setores por onde a palavra crise não é mencionada, como Alimentos ou Papel e Celulose, esta proporção chega quase a 9 em cada 10 empresários.*

*Avalia-se, desta forma, um impacto diferenciado entre as empresas. Uma têm se adaptado mais facilmente, enquanto outras enfrentam problemas maiores. De qualquer forma, observa-se uma elevação dos níveis de competitividade e uma retomada dos investimentos.*



*Na pesquisa realizada foi encontrado, apesar de um otimismo em relação aos novos investimentos, ou a um aumento de vendas para o ano de 1996, um ceticismo quanto a um proporcional aumento de empregos. A economia vai de vento em popa, porém, o nível de emprego não acompanha o crescimento da atividade econômica, aprofundando a economia informal. Sinal dos novos tempos já conhecidos em grande parte do mundo e agora presentes no Brasil.*

*A modernização tecnológica e uma mudança de mentalidade do empresariado são algumas das causas desta tendência. A crise dos anos 80 e a abertura comercial operada na primeira metade dos anos 90 apresentaram inúmeras dificuldades para as empresas, e uma vez superada estas dificuldades, as empresas estavam com uma nova mentalidade, caracterizada por exemplo, por uma preocupação com a redução do custo, ou a busca por certificados de qualidade que atingiu as grandes empresas.*

*Na pesquisa realizada quando perguntado como as empresas obtinham ganhos de produtividade, o item campeão foi "melhor gerenciamento de pessoal", o que em freqüentemente pode ser entendido por corte de pessoal. Para as empresas, a busca de competitividade vem em primeiro lugar.*

*A percepção de uma economia global também parece ter invadido as mentes de nosso empresariado. O interesse demonstrado pelo Mercosul não é pequeno, como vimos na pesquisa, e as empresas parecem lá vislumbrar o próximo mercado a ser conquistado, ou simplesmente uma possibilidade para expandir. Da mesma forma as empresas cada vez mais buscam se adequar aos padrões de qualidade e competitividade internacionais. Numa época em que o mercado interno apresenta limites para expandir, diante de uma concentração de renda quase inconcebível, e ainda, uma concentração regional, é no mercado externo que as oportunidades parecem surgirem saltando aos olhos dos empreendedores. Está ótica concorda com o mergulho do Brasil na lógica de uma economia global. Após muito tempo o Brasil se reinsere nas complexidades dos blocos comerciais.*